

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Orleide Aparecida Alves Ferreira

Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira”

Escola Técnica Estadual Bento Quirino

Campinas/SP

2019

Ficha de Cadastro

Tipo de Entrevista: História oral de vida

Entrevistador: Américo Baptista Villela

Instituição: Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” - Etec Bento Quirino

Levantamento de dados preliminares:

Arquivos do Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” - Etec Bento Quirino

Diálogos com a entrevistada no artigo: VILLELA, Américo Baptista - Da teoria democrática à prática democrática: análise de uma experiência de gestão da Escola Técnica Estadual Bento Quirino. In: Cultura, Saberes e Práticas: Memórias e História da Educação Profissional. Maria Lúcia Mendes de Carvalho (organizadora) – São Paulo: Centro Paula Souza 2011. Disponível em:

http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/cultura_saberes_praticas.pdf

Acesso em 17 de jul. 2019.

Elaboração do roteiro de pesquisa: Américo Baptista Villela

Local da entrevista: Centro de Memória “Orleide Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino, Av. Orozimbo Maia, 2600 – Vila Estanislau (Cambuí), em Campinas

Data: 28 de março de 2019

Técnico de gravação: Edis Cruz

Duração: 42 minutos e 41 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritor: Américo Baptista Villela

Número de páginas: 15

Sinopse da Entrevista

A entrevista é parte da execução do projeto “História Oral na Educação: Memórias do Trabalho Docente” que está sendo desenvolvido pelo GEPEMHEP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional. A mesma foi realizada como atividade relacionada ao desenvolvimento do projeto Centro de Memória como instrumento auxiliar de ensino e pesquisa e tem como objetivo produzir registros sobre o passado recente da escola. A escolha de entrevistar a professora Orleide Aparecida Alves Ferreira foi motivada pela importante atuação da mesma junto a Etec Bento Quirino tendo ocupado diferentes posições (Professora, Assistente Técnica de Direção, Diretora Substituta, Diretora, Orientadora Educacional, etc) em diferentes momentos da escola quando a mesma esteve subordinada a Secretaria de Estado da Educação, depois Secretaria de Ciência e Tecnologia e Centro Paula Souza e nesse processo ter acompanhado grande parte das transformações vivenciadas pelas escola desde a década de 1980. Nessa primeira entrevista ela apresenta as suas lembranças de momentos da administração escolar e das dificuldades para se construir uma educação profissional pública de qualidade.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: julho de 2019

Nome do Transcritor: Américo Baptista Villela

OAAF: Bom, meus pais eram.... Meu nome é Orleide Aparecida Alves Ferreira, tá, eu nasci em Fernandópolis, que eu costumo dizer que é barranca do rio, né, bem próximo da hidrelétrica de água vermelha no Rio Grande e próximo da divisa com Mato Grosso do Sul, que é no Rio Paraná, né. Ahn, meus pais, meus pais eram filhos de fazendeiros da região de São José do Rio Preto, meu avô materno, era fazendeiro em Cedral e meu bisavô paterno, também fazendeiro em Cedral. É, papai e mamãe se conheceram, tá casaram e foram morar em Fernandópolis, e eu nasci em Fernandópolis, e fiquei lá até a idade de sete anos, quando foi na idade, né, na idade escolar, papai resolveu que tinha que mudar para uma cidade maior, porque ele entendia, que nós tínhamos que estudar, porque era eu e meu irmão, que nós tínhamos que ter acesso a uma educação, inclusive de nível superior, a qual eles não tiveram, porque embora filhos de fazendeiros naquela época não se estudava. A mamãe tinha até quarto ano primário e papai também. Eles não se dedicaram a

atividade de cuidar das fazendas porque, o meu bisavô por parte de pais faleceu muito cedo, passou para a esposa dele né, e ai, os irmãos, negócio de inventário, repartição de bens, tá, acabou com tudo. É, meu avô por parte de mãe, embora continuasse fazendeiro mas tinha, italiano, tinha ideia que mulher não estudava. Tinha que cuidar da casa, dos filhos, então saia da tutela do pai passava para a tutela do marido, então eles não tiveram acesso a uma educação, além do antigo primário, mas o papai não queria isso para a gente, então nós mudamos para Campinas. Ahn, o papai tinha uma profissão, ele era caminhoneiro, tá, e a mamãe cuidava da casa. Nós, eu e o meu irmão, nós estudamos no Grupo Escolar Orosimbo Maia, situado lá na Avenida Andrade Neves, é, fizemos o ginásio na época, nós fizemos no colégio, no antigo colégio Atheneu Paulista porque era um colégio que meus pais conheciam, que era um bom colégio, porque era um colégio onde todos os irmãos da minha mãe estudaram em um internado do Atheneu Paulista. É, e lá eu fiz todo o ginásio e o primeiro ano clássico, tá? Ai no primeiro ano clássico, tava difícil continuar o sustento numa escola particular, ai, nós fomos pro colégio, para uma escola pública que é o colégio Vitor Meirelles. Lá a gente, nós fizemos o colegial, eu fiz o clássico, meu irmão o científico, e de lá eu fiz a universidade católica, que na época ainda não era PUC, só universidade católica e fui fazer curso de história. É, a minha intenção primeira era fazer direito, mas o papai achou que direito não era uma profissão para mulher, até porque a gente aqui em Campinas, nós éramos uns ilustres desconhecidos, não tinha nome de família nada, a gente era, nós éramos pessoas simples, né? E ele achou que isso ia ser muito difícil para uma mulher fazer um curso de direito e começar a trabalhar nessa área, sem um nome que desse respaldo. Que se tivesse lá na minha região, isso seria diferente, porque tinha o nome familiar por de tras, aqui não existia isso. Ai eu fui, já que eu não podia fazer direito, eu fui fazer história e hoje até acho que eu faria de novo. Na época eu não gostei muito, reclamei, mas também não tinha muita opção, porque naquela época quando o pai falava você não vai, não vai pronto e acabou. É, mas hoje, voltando né pra aquela época, eu falava assim olha foi, eu fiz uma boa escolha. Eu não trocava hoje tá, a minha formação de professora de história para alguém que tivesse um curso de direito, embora na época num tivesse gostado muito dessa imposição, mas hoje eu reconheço que foi uma boa coisa que ele fez. (risos)

ABV: Professora, a questão do exercício da profissão. Em quais escolas, como é que a senhora começou a carreira? Como se deu a vinda para o Bento Quirino?

OAAF: Tá, eu me formei em mil novecentos e setenta, tá, portanto há tempo não existia concurso para professores, tá? É, então a gente começava a trabalhar, na época se chamava ACT, tá? E, a gente fazia uma inscrição, né, em Delegacia de Ensino e conforme ia precisando de substituição, de qualquer coisa, pela classificação a gente era chamado. Então, na realidade o primeiro contato com aluno, tá, foi quando eu me formei e antes de começar a trabalhar em escola pública, eu fui dar aula de história no curso para vestibular que tinha na própria universidade. Então, eu dei aulas para três turmas em preparação para a universidade. Ai terminou a preparação, tá, eu fui, ahn, chamada para substituir uma professora de história que estava em licença gestante, na escola, na época era Hidelbrando Siqueira, na avenida, na rua Erasmo Braga, lá no Bonfim. Hoje é o atual colégio Dom João Nery, tá, mas ele se chamava Hidelbrando Siqueira porque Dom João Nery era o Grupo Escolar e parte do, do Fundamental I hoje, e do Ensino Médio era Hidelbrando Siqueira. Ai entrei como professora substituta, comecei em Março, tá, substituindo a professora, é, de lá, ééé', tinha uns professores que davam aula no colégio Notre Dame de Campinas, é, eles estavam precisando de uma professora de história, me convidaram para ir fazer uma entrevista, né, com o diretor la do colégio Notre Dame, que era o irmão Pedro para assumir umas aulas no lugar de um professor que tinha saído. Ai eu fui e comecei em abril dando aula também no colégio Notre Dame. Ai quando foi em setenta e oito, senão me falha a memória, ahn, surgiu o primeiro concurso público, né para os professores para a rede estadual, eu fiquei lá no Hildebrando mesmo depois quando a professora retornou da licença gestante. A diretora acho que gostou do meu jeito, né, e ela arrumou umas aulas vagas lá. Sei lá eu como é que ela fez eu acho que ela tirou aulas de outro professor né, e ela me passou duas salas do chamado estudos sociais que existia na época no colegial, tá, e eu dava aula então para primeiro e segundo, primeiro e segundo colegial a noite. Era uma classe de primeiro e outra classe de segundo e ai fiquei como professora ACT mas com aula livre, não era em substituição a ninguém. É, em setenta e oito veio o primeiro concurso público, ai eu prestei concurso, passei e ai tinha que escolher, né, aonde tinha vaga ai foi um desespero saber aonde é que a gente iria parar. É, a minha classificação na região de Campinas, eu era a quinta colocada. Em Campinas existiam cinco vagas só pra história, e mais algumas escolas tinham vaga, eram escolas assim muito da periferia, que era muito barra pesada e eu falei eu não vou, porque as aulas eram no noturno. Eu falei eu não vou pra esses lugares. Ai eu comecei afazer pesquisa na região de Campinas onde tinha escolas melhores localizadas, né. Já que eu tinha de ir para o noturno. Ahn, verifiquei escolas em Valinhos, Vinhedo e fui também conhecer escolas,

porque tinham escolas em Nova Odessa. Ai, nessas andanças toda procurando aonde tinha vaga, quando eu cheguei em Nova Odessa, uma escola que tinha vaga, eu me deparei com uma escola, que eu me encantei com a escola. Eu falei assim, eu venho dar aula aqui. Ai eu tinha uma amiga, cumadre que me acompanhava, porque ela, ela também já tinha né, ela tava prestando o concurso, era ACT numa escola de Valinhos. Ela falou imagina, você vai para Valinhos lá onde eu estou dando aulas. Falei não, eu vou lá pra Nova Odessa. Ela, tá bom, ai encerrou o assunto. Chegou o dia da escolha, nós fomos para São Paulo, num salão, onde eu nem sei dizer mas por que eu nem sei dizer mais, porque a tensão foi tão grande porque era reunião de todos os professores do Estado, que eles colocavam naquele espaço, era um grande anfiteatro que eu não sei te dizer mas onde é que é e a gente chegava de manhã e ficava esperando chamar a vez. Né, e ai foi, né, quando chegou Campinas, o que que aconteceu? Chamaram na minha frente e na frente dos outros que estavam melhores classificados do que eu, porque eu era a quinta, chamaram três pessoas por união de cônjuge e isso significava que, a, a nota deles era inferior a nossa, mas eles passavam na nossa frente porque já tinha marido ou esposa que trabalhavam no serviço público de Campinas. Então eles passaram na nossa frente. Ai, eu falei, eu não vou mesmo ficar em Campinas e ai, escolheram Campinas, escolheram Valinhos, e aquilo foi me dando uma angustia que eu falei e agora onde eu vou para? Porque eu tinha visto até Nova Odessa só, né, ai, quando chegou a minha vez eu estava em um estado de nervo tão grande, porque eu não sabia aonde que eu iria parar. Eu cheguei lá e perguntei assim: Tem Nova Odessa? A mulher lá da banca falou tem. Eu falei tem a escola João Thienne? Ela falou tem, então eu falei eu quero. Não mas, eu quero é essa, que era a escola que eu havia visto e me encantado por ela, ai eu fui e escolhi o João Thienne em Nova Odessa. Eu fiquei em Nova Odessa até que em oitenta e dois, porque tinha uns concursos de remoção e ai para vir pra Campinas, eu só indicava as melhores escolas, mas como eu não tinha união de cônjuge, tá, o povo passava na minha frente e ai eu não pegava as escolas ou acabava as vagas. Eu falei, a, mas tudo bem eu gostava da escola, era ótimo, fazia um bom trabalho lá. Ai quando foi em oitenta e dois, no concurso de remoção, eu indiquei o Aníbal de Freitas, é, em primeiro lugar porque ficava a uma quadra da minha casa, tá, e indiquei o Bento Quirino que era próximo. Só as duas escolas e ai para minha sorte eu vim removida para o Bento. Então eu cheguei no Bento Quirino em mil novecentos e oitenta e dois como professora efetiva, né, e removida, então foi assim que eu cheguei no Bento Quirino. E comecei aqui e dei continuidade professora de história e tinha uma diretora que dava muita liberdade de trabalho. Naquela época, né, oitenta e quatro, oitenta e

cinco, não me recordo bem a data, é, teve um, teve um zoom zoom, que as escolas industriais, que as escolas técnicas do estado São de Paulo, que elas iam sair da Secretaria de Educação e iriam passar para o Centro Paula Souza. A diretora fez toda uma campanha que não queria, porque não queria sair da Secretaria da Educação, que não achava que era uma boa coisa, não sei o que, a gente começou a participar de movimentos em São Paulo e ela falou assim: Orleide lá, vai lá defender a escola, que a gente não quer isso, ai eu fui muitas vezes para São Paulo, participante do movimento junto, com professores das outras escolas e naquele momento agente conseguiu, ahn, fazer com que o governador não fizesse a passagem das escolas antigas industriais para o Centro Paula Souza, que já existia e já administrava escolas técnicas. E ai, a gente continuou, em, ahn, oitenta e sete começou um fórum de, de educação, ahn, profissional em São Paulo, ahn, organizado pelo professor Moacir Gadottí e pelo professor Brian que eram da UNICAMP, que era um fórum para a gente fazer uma estrutura de funcionamento para as escolas técnicas e ai a Dona Cida, falou assim: Orleide vai e eu fui participar e a gente trabalhou assim para, uns seis meses, lá na, Caetano de Campos né? Que era a Secretaria de Educação lá, fazendo todo, todas essas propostas para, ahn, orientar o novo ensino técnico e a gente fazia parte dessa comissão, durante muito tempo. E ai, depois foi para Governo de Estado e nada aconteceu. A gente fez, foi muito bom porque eu acho que todos nós aprendemos muito nas discussões que tivemos com o professor Gadotti, professor Brian, então a gente aprendeu muito, mas a estrutura, que a gente havia entendido que era melhor para as escolas técnicas, isso não vingou, tá, porque eu que também não era a intenção. Como as escolas estavam se movimentando, eu entendo que foi uma, mas uma forma de acalmar os ânimos, vão fazer, mas que não ia acontecer nada. Ai em oitenta e sete, acho que foi, é, a Dona Cida se aposentou que era a Diretora e ai, ahn, a escola ficou com o cargo vago e ai a Dona Cida me indicou para substituí-la em cargo vago. Então, a minha primeira experiência como Diretora no Bento Quirino foi substituindo em cargo vago, que ficou durante o ano todo de oitenta e sete, oitenta e oito, essas datas eu já não lembro mais, até ter um concurso de remoção. Ai veio uma diretora transferida de Mogi-mirim, a professora Maria de Lourdes Bernardes Guerreiro, veio, assumiu a direção do Bento Quirino e eu passei a ser assistente dela, responsável pelo período noturno. Ai eu fiquei alguns anos respondendo pelo noturno, não deu certo, porque nós tínhamos uma visão de administração de escola, muito diferente. A gente vivia às turras, tá, brigava efetivamente, eu batia de frente com ela, tá, não concordava e batia de frente, até que um dia ela falou assim: OH, eu acho melhor você pedir demissão do cargo de assistente. Falei não, foi você que me

nomeou, você que me demita. Ela falou assim: Mas é de bom tom. Falei assim, de bom tom coisíssima nenhuma. Você não tem justificativa para me demitir. Por que o que você vai alegar? Excesso de zelo? Excesso de comprometimento com a escola? Você não pode alegar isso. Você não tem outra coisa para alegar. Mas eu falei, quer saber de uma coisa, eu vou aliviar a sua tá? A nossa diferença em administrar, porque eu sempre fui muito boca dura né, a nossa diferença em questão de administração, é questão de competência. Eu tenho e você não, e você não sabe nem usar a minha competência a seu favor, porque eu enquanto, ahn, assistente, eu falei eu não apareço. Tudo o que eu faço e que dá certo e que levanta o nome da escola vai para o nome da Diretora, nem esperta para isso você é. Então eu estou pedindo a minha demissão. Pedi, foi um aue, professor tal, não, eu voltei para as minhas aulas, então um alívio, até certo ponto, porque trabalhar com ela né, que Deus a tenha, porque ela já faleceu, né, mas era terrível. E ai, eu voltei para sala de aula e depois de um certo tempo a escola foi degradingolando, degradingolando, degradingolando, degradingolando, que era impossível se dar aula nessa escola. Porque, é, a maioria dos professores preferiam ficar conversando com ela na sala dela do que ir para sala de aula e a gente que queria trabalhar não conseguia trabalhar porque tinha aluno pro pátio o tempo inteiro, você não conseguia dar aula. E aquilo ia, né, me estressando, me estressando, até que um dia, sai muito brava da sala de aula e eu falei que, que eu ia ficar louca, que eu ia enfartar na escola, que antes de eu enfartar eu ia ter mais uma briga com ela. E nessa minha fala, eu encontrei com o supervisor da escola, que ia entrando na escola e ele falou: Que é isso, Orleide, tá brava por conta de que? Eu falei se vai lá e dá um jeito na Lurdinha porque eu mato essa mulher. Olha o que que ela tá fazendo com a escola. Ele falou: Calma Orleide, calma. A gente vai dar um jeito. Ah, vai dá, ai tinha outros professores, calma Orleide você vai enfartar aqui dentro. Falei, Ah, eu posso enfartar, mas antes disso, algo vai acontecer. Não é possível o que está acontecendo com essa escola. Ai, ele falou: Não, calma, calma que a gente dá jeito. Ai, tal, terminei de dar minha aula, brava que nem não sei o que, porque eu não conseguia dar aula, eu tinha fechar janela, porta, pros alunos conseguirem me ouvir né. Ai quando foi no dia seguinte, ele telefona na escola, o professor Brasileiro, que era supervisor da escola, e manda me chamar. Falei, tá, deu encrenca, ai eu fui lá, atendi o telefone. Ele falou você tá dando aula? Eu to. Até que horas você tem aula? Falei, não sei, até duas horas, três horas. Faz o seguinte, a hora que terminar suas aulas você pode passar aqui na Delegacia? Falei posso. Todo mundo assim, ih, Orleide. Pegou, né? Ai eu peguei e fui para a Delegacia conversar com ele né. Eu falei vou levar uma chamada, né, porque eu, no mínimo né. Ai eu cheguei lá, ele falou

assim: Olha a coisa é o seguinte, eu to com um cargo vago de Direção em Valinhos, na região, é, das chácaras lá, no bairro do Macuco. Você quer ir pra lá? Falei to indo. To indo falei, ah, Tudo que eu queria era me livrar daquela bagunça lá. Então tá, então você começa lá amanhã. Ai, eu fui para o bairro do Macuco, fiquei um ano lá, Diretora, como cargo vago. Ai veio Diretora como efetiva, porque eu não tinha prestado concurso pra ser diretora, pra educação. Eu não tinha, né, pensado na possibilidade de ser diretora de escola na educação. Eu dava aula no Notre Dame, achava que era difícil conciliar direção com escola. Do Notre Dame que exigia muito da gente, tava certo né, eh, ai eu fui ser diretora no Macuco, quando terminou a minha gestão que veio diretora efetiva, agora eu volto para o Bento Quirino pra dar aulas. Ele falou: Não, não, não, você não vai voltar lá não, você vai lá para a escola Coriolano Monteiro. Eu falei: Diretora, ele falou: não. Tem um diretora que prestou concurso que assumiu agora, mas ela saiu da sala de aula e assumiu a direção e ela não, não sabe ainda como fazer estas coisas e precisa de um suporte de alguém que saiba inclusive serviço de secretaria, porque lá no Macuco era eu que fazia tudo, eu vou precisar disso. Falei tá bom. Fui eu lá pro Coriolano Monteiro. Ai, de vez em quando, tinha umas reuniões que faziam aqui no Bento Quirino, que chamavam: Orleide, vai ter reunião você precisa vir. Não, não vou, to fora, não vou no Bento. Eu sei que meu cargo é ai, mas eu não to dando aula ai, falei: eu tenho, o meu compromisso com a escola onde eu estou prestando serviço. Ai quando chegou em janeiro de noventa e dois, eu estava de férias, lá do Coriolano Monteiro, tá, ai no dia quinze de janeiro, telefonaram em casa, falando pra eu vir, para cá, que tinha uma reunião aqui, que o assunto era sério, e que eles queriam que eu estivesse na reunião. Não vou não, eu estou de férias e eu não tenho nada a ver com essa escola. Não Orleide, vem, precisa. Se precisa vir, nós estamos te esperando, que não sei o que, não o que lá, me atormentaram a vida. Ai eu respirei fundo, ai que mão de obra, vou ter que ir, né, porque eram uns professores: Orleide precisa de você aqui. Respirei fundo, falei vo! Cheguei aqui, não vi ninguém, (tosse), perguntei pra umas atendentes: Olha, falaram que tinha uma reunião aqui? Ahn, a senhora pode entrar! (tosse) Eles estão lá na sala da direção. Aiii, vou ter que ir para a sala da direção, né? Não acredito, fui, entrei na sala assim, né, quando eu pus o pé na porta assim, tinha uma meia dúzia de professores e o supervisor, sentado à mesa, que essa era mesa da sala da direção, um bolo (tosse) de chaves na frente dele e conforme eu entrei, falei boa tarde, tudo, ele levantou e fez sinal para eu sentar na cadeira que ele estava sentado. Falei, ce tá maluco, não sento ai nunca. Vem senta aqui. Não, não, não, obrigado, eu estou muito bem de pé! Não vou sentar ai. Ai, ele falou assim: Olha Orleide, aconteceu o seguinte:

a escola saiu da Secretaria da Educação passou para a Secretaria de Ciência e Tecnologia. A Ciência e Tecnologia já havia feito um levantamento nas escolas, tá, e das direções das escolas técnicas e a Lurdinha não foi aceita para continuar na direção da escola, mesmo sendo da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Falei tá e eu com isso? A história é o seguinte, a gente chamou você, para ver se você não quer assumir a direção da escola? Eu falei, a, eu tou muito bem aonde eu tou, isso aqui tá uma anarquia. Falou assim: então Orleide, isso a fala do professor Brasileiro, né, então a gente tem acompanhado o seu trabalho e a gente acha que você é a pessoa indicada para botar isso no eixo. Mas eu estou de férias, né, mas eu to de férias. Ele falou assim: é, mas isso a gente ajeita, ai eu falei assim: Eu vou ter direito a Assistente? Vai. Quem são as assistentes? Porque se fosse aquelas da época da Lurdinha, eu falei, to fora! Porque era um povo que não fazia nada. Imagine! Imagina que eu quero aquele povo, né? É, ele falou, você tem direito a duas assistentes, porque nós tínhamos vinte e duas salas funcionando de manhã, vinte e duas à tarde, vinte e duas a noite(tosse) e as salas de aula tinham até quarenta e cinco, até cinquenta e cinco alunos matriculados. Era um horror! Não é, tinha sala que tinha dois diários de classe, inclusive eu já tinha dado aula em uma sala com dois diários de classe(tosse) Ai, eu falei assim: e quem, quem serão as assistentes? Ai, o Brasileiro falou assim: Você escolhe. Eu falei é? Ela falou é. Eu falei a tá! Então eu quero a Rosa e a Suely. Eram duas professoras, né, que a gente brigava direto com a Lurdinha. Eram duas professoras que estavam lá, eu quero a Rosa e a Suely. Elas, a não, não sei o que. Então tá, tudo bem, se vocês não toparem, ou trabalham comigo, ou então eu também to fora. Eu falei, eu não vou comprar essa briga, eu falei que muito me interessa, mas eu tenho que ter alguém que me ajude, eu sozinha não vou fazer nada. Falei se vocês não quiserem, pra mim tudo bem, to, to fora, volto lá para o Coriolano. Ai uma entrou, olhou para outra assim, e ai? Eu falei, a, né, mas antes disso, né, é, o Brasileiro falou assim: eu falei assim: Eu posso pensar? Ele falou: pode, você tem cinco minutos pra pensar. Foi ai que eu perguntei das assistentes, tudo, agora vocês decidem. Uma olhou para outra, nós vamos ter que comprar essa briga com a Orleide? Uma olhou para outra, nós acho que vamos, ah, tá bom, então a gente vai. Então, eu topo! E ai, eu falei assim: e quais são os meus limites, né? Porque conhecia as regras da Secretaria da Educação, era cheio de coisa, não pode isso, não pode aquilo, né? Pelo menos era a fala que a Lurdinha tinha, porque lá no Coriolano, eu tinha liberdade para fazer as coisas, mas eu não sabia aqui, como é que iria ser? Ele falou não, você tem carta branca para fazer o que precisa na escola. Falei tá bom! Quando eu começo? Ele falou assim: Agora! A não, agora não né. Ele falou assim então:

amanhã? Porque dá uma olhada. Eu olhei na sala estava assim ó! Uma fila de vinte e três pacotes de salas de aula que era do Vestibulinho. Eles Vestibulinho informal mas faziam. E ela tinha feito vinte e três salas de aula por período. Eu falei assim, mas são vinte e duas salas. Ele falou então. Eu falei tá, então tá! Então amanhã eu começo. Ele falou tem começar porque a aula começa dia primeiro ou dia dois de fevereiro. Tá Bom, e foi assim que eu voltei para o Bento Quirino na condição de diretora e ai, a gente respondia para um órgão que foi criado na Secretaria de Ciência e Tecnologia que chamava DISAETE. Eles não tinham experiência nenhuma, eles não tinham escola nenhuma. Criaram esse departamento para colocar todas as escolas técnicas, dentro desse departamento e a gente continuava a responder pela Supervisão da Delegacia, na época se chamava delegacia de ensino. Então, eu fiquei dois anos nessa condição, né, era professora, tá?, respondendo pela direção. Eu não tinha salário de diretora, eu tinha um salário de professora de quarenta horas, fazia muito mais, mas isso era o que eu tinha. Então isso, foi noventa e dois, noventa, até noventa e quatro, porque em noventa e quatro a gente passou para o Centro Paula Souza. E ai teve concurso para professor, a gente foi removido, porque nós fomos todos afastados, é, ali, em primeiro lugar nos fomos todos removidos ex-ofício para as escolas da educação porque o nosso cargo era da Secretaria da Educação. Professor foi para tudo quanto é escola, a minha remoção, eles me encaminharam para o colégio Adalberto Nascimento. Eu e mais alguns professores fomos para Adalberto Nascimento, mas afastados, prestando serviços aqui no Bento Quirino, ai, a gente ficou nessa condição até noventa e quatro quando passou para o Centro Paula Souza. Ai teve concurso pra professor, é, prestamos concurso para professor no Centro Paula Souza. Prestei concurso passei, escolhi minhas aulas aqui, continuando afastada na Educação. Ai, em noventa e cinco, teve, ai teve concurso para Diretor, ai eu prestei concurso para a direção do Centro Paula Souza passei, assumi a direção pelo concurso depois eu fui ficando e fiquei até dois mil e quatro que foi quando, é, esgotaram todos os tempos legais para se permanecer na direção. Até porque, quando assumimos a direção, é, o cargo de diretor era por dois anos só podendo ser renovado por mais dois anos, mas a cada período que acabava, é, o prazo, se tinha que prestar concurso de novo e eles tem um critério diferente né, que o Centro Paula Souza sabe qual é né. Você presta concurso, ce vai numa banca, ai você vem para a eleição, né, mas eram no máximo quatro anos porque os mandatos eram de dois anos. Ai, quando nós estávamos no segundo mandato de dois anos, é, eu não sei o que aconteceu no Centro Paula Souza, eles resolveram, é, ampliar isso e fazer com que as eleições para diretor das etecs coincidissem com as eleições da

FATECs, e as FATECs já eram de quatro anos e ,ai, eles entenderam que nós que éramos diretores das ETECs, nós poderíamos, ahn, concorrer, né, como tinha mudado a legislação, a gente poderia concorrer novamente, prestando concurso, mas a um cargo de quatro anos, um mandato de quatro anos e podendo se reeleger por mais um mandato de quatro anos. Então fazendo tudo isso eu acabei ficando até dois mil e quatro, quando eu sai e o professor Renato é que assumiu a direção da escola. O professor Renato ficou uns tempos, né, foi chamado na Administração Central para desenvolver um projeto lá, é, a professora Ivete, né, o substituiu. Depois ele retornou e ia se afastar de novo, no segundo mandato, né, ele ia se afastar de novo, a professora Ivete falou não, eu não quero mais, eu vou me aposentar não quero. Ai o professor Renato veio falar comigo se eu queria, eu falei: Ah, Renato não quero mais não, a tem muita gente ai que quer, tem um monte de gente interessada. Ah, então, eu já avisei a professora Laura, né, que tem várias pessoas e a professora Laura falou que ela só aceita o meu afastamento se você aceitar, essa foi a fala do professor Renato, tá, então eu estou repetindo a fala dele, que ela só aceita se você voltar para me substituir, porque senão não tem acordo. Tá bom, volto eu para o sacrifício, eu ainda brinquei com ele. Então, tá bom Renato, eu volto para o sacrifício. Ai, assumi a direção até o Renato, ahn, voltar né, e ai, ai, eu voltei para as minhas salas de aula.

Descritores

Escola Técnica Estadual Bento Quirino
Secretaria de Estado da Educação
Secretaria de Ciência e Tecnologia
Centro Paula Souza
Direção Escolar
Colégio Notre Dame Campinas
Escola Estadual João Thiene
Centro de Memória Orleide A Alves Ferreira
Orleide A Alves Ferreira
Américo Baptista Villela
História oral na educação
Memórias do trabalho docente

Dados Biográficos da Entrevistada



Orleide Aparecida Alves Ferreira atualmente é professora da Etec Bento Quirino tendo exercido os cargos de Diretora e de Coordenadora Pedagógica da mesma unidade. Nascida em 30 de setembro de 1948, é natural de Fernandópolis de onde se mudou para Campinas para estudar. Iniciou os estudos na Escola Estadual Orosimbo Maia, tendo cursado o ginásial e primeiro ano do clássico na escola Atheneu Paulista e concluído a educação básica na Escola Estadual Vitor Meireles. Ingressou na Universidade Católica de Campinas obtendo a licenciatura em História na mesma Universidade. Cursou Pedagogia na Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral em Amparo e realizou pós graduação em Gestão Pública Escolar na Faculdade de Educação da UNICAMP apresentando a monografia Gestão Pública Participativa. Iniciou o exercício da profissão do magistério na Escola Estadual Hildebrando Siqueira e foi contratada como professora do Colégio Notre Dame em Campinas. Participou de dezenas de curso de atualização profissional, dando destaque ao curso resultado do convênio da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo com a UNICAMP sobre Psicologia do Desenvolvimento.

Dados Biográficos do Entrevistador



Professor Américo em Sala de Aula da ETEc Bento Quirino em 1994

Fotografo: aluna Lis Peres

Américo Baptista é professor da Etec Bento Quirino e historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o ensino médio pela manhã e o técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Aurélio Arrobas Martins”. Concluído o ensino médio, ingressou no curso de história da Universidade Estadual de Campinas onde obteve os títulos de bacharel e licenciado em história no ano de 1991. Em 1996, retornou à pós-graduação em história na mesma universidade, iniciando o mestrado com o projeto Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em história social. Em 2008, retorna à pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e republicana, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em História da África e das culturas afro-brasileiras tendo como temática Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula, sob orientação do Prof. Dr. Acácio

Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei : uma análise da aplicação da lei 10.639 na ETEc Bento Quirino em Campinas, que foi publicado posteriormente na obra Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v. , p. 107-130. organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

Anexo: (Documento sigiloso e não aberto online ao público):

Termo de Autorização para uso de Imagem